

O HORTO D'EL REI

OSVALDO MARTINS FURTADO DE SOUZA^{1,2}

¹Academia Brasileira de Ciência Agronômica, Recife, Pernambuco.

²Academia Pernambucana de Ciência Agronômica, Recife, Pernambuco.

Autor para correspondência: omfsouza@hotmail.com.

Mais uma vez na berlinda o Horto D'El Rei. Esta magnífica instituição, localizada no Sítio Histórico de Olinda, situa-se nas proximidades do Convento de Nossa Senhora da Conceição e abrange 13 hectares remanescentes dos 20 originais e que se estendem da encosta da Sé até o vale do Bonsucesso, limitando-se com o turístico Alto da Sé e os bairros do Carmo, Amaro Branco, Amparo e Bonsucesso, reunindo lotes de diferentes proprietários. Considerado o segundo Jardim Botânico criado no Brasil, foi instituído pela Carta Régia de 19 de novembro de 1789 e fundado em 21 de junho de 1811, logo depois de publicado o discurso: “A Utilidade da Instituição de Jardins nas Principais Províncias do Brasil”, de autoria do naturalista Manuel Arruda da Câmara, oferecido ao então príncipe regente. Nesse discurso, o autor alertou para a utilidade dos “hortos ou jardins” e argumentou sobre a importância dos recursos vegetais para o desenvolvimento do Brasil. Ao mesmo tempo, comentou sobre as oportunidades da colônia, detentora de uma extensão continental, e sobre as grandes áreas de solos férteis, dando exemplos de experiências de sucesso de introdução de espécies, a exemplo do café nas Antilhas.

Localizado em meio a uma área onde já existam estudos de botânica realizados por monges do Mosteiro de São Bento de Olinda, este horto recebeu originalmente o nome de Real Viveiro de Plantas de Olinda. Em maio de 1811, chegou ao porto do Recife a primeira remessa de plantas e sementes de especiarias vindas de Caiena, sendo parte destinada ao plantio no Real Viveiro de Olinda. Este material foi trazido por Estevan Paulo Germain, originário de Caiena. Segundo a listagem, elaborada pelo próprio Estevan Germain, essas primeiras sementes e/ou mudas eram provenientes

do Jardim La Gabriela, de Caiena, e foram transportadas para o Recife pela galera Princesa Teresa. Constavam da lista o cravo-da-índia, noz-moscada, pimenteira, joalheira, uruncuzeiro, anis, noqueira, pinheiro, caramboleira, sapotizeiro, fruta-pão e bananeira.

No ano seguinte, 1812, Estevan Germain assumiu a direção do Real Viveiro de Plantas e recebeu do Padre João Ribeiro Pessoa Montenegro, até então encarregado do viveiro, uma relação de plantas aclimatadas no local, entre as quais 300 girofleiros com destaques para o cravo-da-Índia e *Syzygium caryophyllus*, (Myrtaceae), especiarias das mais procuradas e com múltiplos usos. Constavam ainda 10 árvores-do-pão (fruta-pão, *Artocarpus altilis*, (Moraceae), provavelmente introduzido em Pernambuco naquela época, proveniente de Caiena, 17 caneleiras (*Cinnamomum zeylanicum*, (Lauraceae), carambola e bilimbi (*Averrhoacarambola* e *A. bilimbi*). Entre outras espécies consideradas com potencial econômico, estas, provavelmente, também foram cultivadas pela primeira vez em Pernambuco e no Jardim Botânico de Olinda. Estevan Germain esteve à frente da direção Real Viveiro de Plantas de Olinda até 1817.

O Horto D'El Rei, além da missão de estudar a flora nativa e exótica da região, atuou em trabalhos de aclimação, produção e distribuição de mudas, em especial plantas medicinais e, de maneira geral, plantas de interesse econômico para Pernambuco e demais províncias do Nordeste. O horto mantinha permanente intercâmbio com importantes jardins botânicos de instituições nacionais e estrangeiras, a exemplo do Jardim Botânico de Paris e do Rio de Janeiro. Estando vizinho ao Seminário de Olinda, por iniciativa dos Monges, teve sua área utilizada para aulas de botânica.

Antes da sua criação oficial, o horto serviu às observações e experimentações botânicas do padre João Ribeiro Arruda da Câmara. A partir de 1812 o Real Viveiro foi levado à condição de entreposto, passando a distribuir sementes e mudas vindas principalmente, do Jardim Botânico do Grão-Pará, em Belém. Em 1818, recebeu o nome de Jardim de Especiarias e Plantas Exóticas, o que traduz muito bem os seus objetivos. No século XIX, visitaram suas instalações e relataram suas observações, mencionando as espécies exóticas cultivadas no local, e fazendo comentários ressaltando a presença de espécies nativas, o comerciante francês de algodão Louis-François Tollenare e o naturalista escocês George Gardner, mais tarde diretor do Jardim Botânico do Ceilão.

Alguns autores enfatizam o papel do horto no desenvolvimento agrícola de Pernambuco, destacando a aclimação e distribuição da cana-caiana (mais produtiva do que a cana-crioula, cultivada na época) e do capim-angola. Em 1829, tamanha a importância que o horto possuía, passou a contar com importante especialista, quando foi indicado o cirurgião pernambucano Joaquim Jerônimo Serpa (1772-1842) para lecionar Agricultura e Botânica no local. Esse médico de grande reconhecimento público dedicou seus estudos às aplicações terapêuticas das plantas.

O Mestre Gilberto Freyre, em 1968, por meio do seu “Guia Prático, Histórico e Sentimental das Cidades Brasileiras”, afirmou a grande importância do velho horto de Olinda, centro de enriquecimento da vida e cultura do Nordeste do Brasil; ao modo do Seminário ou do Arquivo de São Bento. Das plantas que nele se aclimataram, algumas se tornaram valiosas para a economia da região acrescentando novos encantos de cor, de forma, de perfume e de gosto. Basta lembrar a canela, o cravo, a fruta-pão, hoje tão pernambucanas e tão brasileiras. Citou Pereira da Costa, nos Anais Pernambucanos, que a arborização do Recife teve início em 1840, com a plantação de trinta nogueiras de Bancom, remetidas do Jardim Botânico de Olinda, e que foram cultivadas no Cais do Colégio, hoje, avenida Martins de Barros.

O Horto D’El Rei teve vida útil relativamente curta, tratando-se de um jardim botânico, pois foi extinto em 1844 e posteriormente alugado a um particular. A área assumiu a função de quintal, perdendo seus antigos usos. Finalmente, foi vendido em 10 de agosto de 1854, por dois mil réis. Em 1915, foi oficialmente reconhecido como o Velho Horto D’El Rei e, desde então, uma série de decretos, leis e outras iniciativas vêm buscando garantir a sua preservação. Provavelmente, o verde existente nos quintais e nos sítios, juntamente com o verde do horto, foi levado em conta quando a Organização das Nações Unidas (ONU) concedeu a Olinda o título de Patrimônio Cultural da Humanidade. Resta às atuais autoridades competentes do poder público, municipal e estadual, e as sociedades olindense e pernambucana, darem as mãos a fim de que o verde oriundo do Horto D’El Rei seja preservado e cuidado, para que fique este grande legado para as gerações futuras, tão importante para um ambiente melhor e para o bem do Ser Humano e da Natureza.